

# PELO MUNDO

Cristina Ruiz-Kellersmann, de Berlim

## Cidade das artes

Berlim hoje ocupa posição de destaque no ranking das principais metrópoles culturais da Europa. Quem diria? Há menos de duas décadas, isso era impossível de se imaginar. Na época da cidade partida, Berlim oriental oferecia, sim, uma intensa cena cultural, embora *underground*, que se reunia clandestinamente. Uma produção intelectual eventualmente rompia as barreiras políticas e conseguia aparecer no Ocidente, com a ajuda de agentes culturais de fora. Um bom exemplo é o da trajetória do artista Thomas Florschuetz, que teve seu talento descoberto por uma curadora da República Federal da Alemanha, e em poucos meses seu trabalho foi comprado pelo MoMA. Mas a queda do Muro, em 1989, e a reunificação, em 1990, exerceram forte influência na mudança cultural da cidade.

Museus, galerias, teatros, óperas, espaços culturais, cinemas, clubes, bares, restaurantes se multiplicam, fazendo de Berlim uma das cidades mais atraentes e interessantes da Europa, quicá do mundo.

Nas artes plásticas, a cidade passou a ter reconhecimento internacional expressivo quando um grupo de jovens galeristas se estabeleceu no bairro de Mitte. A chegada dos pioneiros Friederich Loock (Wohnmaschine) e Gerd Lybke (Eigen+Art) fez emergir uma nova pulsação. A cena artística por um bom período tomou conta de Mitte, mas isso vem mudando. O bairro das galerias alternativas passou a ser ocupado também por galerias de ponta. A expansão desse cenário em busca de locais diferenciados, como antigas áreas industriais, acabou também revitalizando essas regiões.

Uma nova migração artística invade áreas como Wedding e Neukölln, onde artistas jovens estabelecem moradias e ateliês, fazendo surgir também espaços alternativos, fomentando a produção dessa geração, ainda não absorvida pelas instituições estabelecidas.

Das capitais europeias, Berlim ainda é a que tem custo de vida relativamente barato. A oferta imobiliária de espaços generosos e de baixo custo passa a ser um atrativo de especial interesse para artistas plásticos.

Nos últimos anos, artistas, colecionadores e galeristas do mundo inteiro passaram a frequentar ou viver em Berlim. Nomes como Thomas Demand, Mona Hatoum, Julie Mehretu, Olav Christopher Jenssen, Candice Breitz, Wolfgang Tillmans, Tacita Dean e os brasileiros Marcellus L., Carla Guagliardi, Alex Flemming, Cristina Canale e Luzia Simons. Outro ilustre morador é Olafur Eliasson, um dos artistas mais bem-sucedidos do mundo. Com situação privilegiada, Eliasson emprega 30 pessoas em seu ateliê. Nesse momento, ele expõe no museu Martin-Gropius-Bau, onde também está sendo realizada uma mostra de Frida Khalo.

Apesar da economia crescente que gira em torno do circuito artístico, o mercado de arte em si ainda deixa a desejar. Na ausência de uma forte elite econômica local que consuma à altura o que se produz por aqui, muitos artistas ainda escoam grande parte de seus trabalhos em outros centros.

Contudo, a importância

da cidade como local de convergência de um pensamento artístico atual é inquestionável. Como declara Monika Sprüth, da galeria Sprüth Magers: "Berlim é um dos lugares mais importantes, é onde o discurso é produzido". A Sprüth Magers, com matriz em Londres, representa artistas de grosso calibre como Andreas Gursky, que expõe no momento na filial berlinense.

Em Berlim tudo é possível. Na cena alternativa, espaços e galerias abrem e fecham constantemente. Algumas iniciativas de vida curta são propositais. O espaço de arte temporária MMX abriu em janeiro de 2010 com a proposta de durar apenas um ano. Os fundadores do projeto têm a intenção de mostrar uma agenda rotativa de exposições, filmes, instalações, leituras e performances.

As estatísticas mostram: cerca de seis mil artistas vivem em Berlim, 25% são estrangeiros e 600 são nomes conceituados. A cidade tem cerca de 400 galerias e 200 museus, além de coleções privadas importantes, algumas

abertas ao público.

Na agenda primavera-verão, já aconteceu o famoso "Gallery Weekend", reunindo 40 galerias, abertas num fim de semana prolongado, com atrações de grande porte internacional.

Bruce Nauman, um dos mais instigantes artistas americanos, também está na cidade: nessa quinta-feira, foi inaugurada uma grande exposição no museu de arte contemporânea Hamburger Bahnhof.

"Double sexus" é o título da exposição de uma dobradinha da pesada — Louise Bourgeois e Hans Bellmer na coleção Scharf-Gerstenberg — que engrossa o time da programação do momento. No Neue National Galerie, além da reforma na montagem da coleção permanente, uma instalação extraordinária de Rudolf Stingel ocupa o enorme foyer do prédio de Mies van der Rohe. É esperada com grande expectativa a mostra de filmes que abre amanhã na Casa das Culturas do Mundo, no 1º Fórum Berlim de Documentários Artísticos, com projetos de nomes como Catherine David, Xavier Le Roy, Rabih Mroué e João Moreira Salles.

E a cidade agora se prepara para a 6ª Bienal de Arte Contemporânea, iniciativa do Kunstwerk com curadoria de Kathrin Rhomberg, que abre em 11 de junho.

Cerca de seis mil artistas vivem em Berlim; 25% são estrangeiros e 600 são nomes conceituados

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO	Francisco Bosco	PELO MUNDO	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
	Rodrigo Pinto, de Londres		Eduardo Graça, de Nova York			
	Cristina Ruiz, de Berlim		Eduardo Levy, de Los Angeles			